

OS MANUAIS DE MERCADORES DA IDADE MÉDIA: UMA ANÁLISE COMPARADA DO ZIBALDONE DA CANAL E O LA PRATICA DELLA MERCATURA

Jaime Estevão dos Reis¹
Universidade Estadual de Maringá
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História
LEAM – Laboratório de Estudos Antigos e Medievais.

Recebido: 21/06/2015
Aprovado: 29/06/2015

Resumo: Os manuais de mercadores fazem parte de um gênero literário que começa a se difundir no Ocidente europeu, a partir do século XIII. Neste artigo, apresentamos os principais manuais escritos por mercadores vinculados às grandes companhias de comércio na Idade Média. Dos vários manuais apontados, destacamos dois redigidos no século XIV, o *Zibaldone da Canal*, de autor anônimo e o *La Pratica della Mercatura*, elaborado por Francesco Balducci Pegolotti. Procuramos efetuar uma análise comparativa de ambos estabelecendo suas diferenças e semelhanças e a finalidade de tais manuais no mundo dos mercadores da Idade Média.

Palavras-chave: Manuais - Mercadores - Idade Média.

THE MANUALS OF MIDDLE AGE'S MERCHANTS: A COMPARED ANALYSIS OF ZIBALDONE DA CANAL AND THE LA PRACTICA DELLA MERCATURA

Abstract: The merchants' manuals are part of a literary gender that began diffusing in the European Occident, in the Thirteenth-Century. In this article, we introduce the main manuals written by merchants linked to the great trade companies in the Middle Age. Of the several manuals shown, we highlighted two of them written in the Fourteenth-Century, *Zibaldone da Canal*, by an anonymous author and *La Practica della Mercatura*, elaborated by Francesco Balducci Pegolotti. We tried to realise a comparative analysis of both establishing its differences and similarities and the purpose of such manuals in the merchants' world of the Middle Ages.

Keywords: Manuals - Merchants - Middle Ages.

Introdução

A partir do século XI, observa-se em todo o Ocidente um crescente desenvolvimento econômico. No campo, a afirmação das relações feudais e a exploração racional dos senhorios propiciaram o aumento da área cultivada e um

¹ Endereço de Correspondência: Universidade Estadual de Maringá, Departamento de História. Av. Colombo, 5790, Jd. Universitário. CEP: 87020-900 – Maringá, PR – Brasil. E-mail: jaimeestevaoreis@hotmail.com.

melhor gerenciamento da mão-de-obra camponesa, bem como do sistema de parcelamento das terras concedidas para exploração e as formas de arrendamento. O resultado foi um aumento significativo da produção de alimentos e de matérias-primas, fundamental para o crescimento das cidades e a afirmação de uma economia urbana, impulsionados também pelo aumento populacional que o processo acarretou.

Observa-se uma ampliação generalizada das redes de troca. Um volume cada vez maior de mercadorias circulava nas feiras e mercados: produtos agrícolas, alimentícios, tecidos, vestimentas, calçados etc. Além destes, produtos exóticos como perfumes, joias e especiarias, tecidos finos trazidos do Oriente, da Ásia e norte da África chegaram aos mercados ocidentais.²

Mercadores venezianos, genoveses, florentinos e pisanos compravam esses produtos e os distribuía através de rotas comerciais dos Alpes, Reno e Mediterrâneo. Aos poucos, juntaram-se aos representantes das cidades italianas, os mercadores franceses, catalães e castelhanos, que acabaram por ligar as rotas comerciais da Península Ibérica aos mercados da França e do norte da Europa.³

Essa “revolução comercial”⁴ impôs a necessidade, por parte dos mercadores, do conhecimento das praças e pontos de comércio, assim como das espécies de mercadorias, de sua qualidade e durabilidade, além dos pesos, taxas e

² Para uma visão geral do comércio e da produção urbana na Idade Média, indicamos as seguintes referências: FOURQUIN, Guy. **História económica do Ocidente medieval**. Lisboa: Edições 70, 1991; PIRENNE, Henri. **História económica e social da Idade Média**. 6.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982; HODGETT, Gerald A. J. **Historia social y económica de la Europa medieval**. Madrid: Alianza, 1986; HUNT, Edwin S; MURRAY, James M. **Uma história do comércio na Europa medieval**. Lisboa: Dom Quixote, 2000; LOPEZ, Robert S; RAYMOND, Irving W. **Medieval trade in the Mediterranean world**. New York: W. W. Northon & Company, 1955.

³ CAUNEDO DEL POTRO, Betsabé. La formación y educación del mercader. In: IGLESIA DUARTE, José I. (coord.). **El comercio en la Edad Media**. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2006. p. 4.

⁴ O termo refere-se ao grande desenvolvimento das atividades de compra e venda, das técnicas comerciais, dos serviços, das feiras, da oferta de moedas, das rotas de comércio e das instituições urbanas vinculadas ao mundo dos negócios de forma geral. Foi cunhado por Raymond de Roover num artigo intitulado “A revolução comercial do século XIII”, publicado em 1942, e tem sido adotado por vários historiadores, ainda que com diferenças em relação o período de abrangência. Peter Spufford e Jacques Le Goff adotam o estipulado por Raymond de Roover. Patrick Gilli fala em século XII e Robert S. Lopez o utiliza para caracterizar o período entre 950 e 1350. Cf. ROOVER, Raymond A. The commercial revolution of the 13th century. **Bulletin of Business Historical Society**, n. 16, p. 34-39, 1942; SPUFFORD, Peter. **Money and its use in medieval Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989; LE GOFF, Jacques. **La Edad Media y el dinero: ensayo de antropología histórica**. Madrid: Akal, 2012; LOPEZ, Robert S. **A revolução comercial da Idade Média: 950-1350**. Lisboa: Presença, 1980; GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval: séculos XII-XIV**. Campinas: Editora da Unicamp; Belo Horizonte: UFMG, 2011.

medidas praticados nos diversos mercados. Tais informações passaram a ser compiladas em manuais de mercadores vinculados, em sua maioria, às grandes companhias de comércio.

O presente artigo tem por objetivo realizar uma análise comparada de dois manuais de mercadores medievais elaborados no século XIV: o *Zibaldone da Canal*, escrito em Veneza por um autor anônimo e o *La Pratica della Mercatura*, do florentino Francesco Balducci Pegolotti.

O *Zibaldone da Canal* e o *La Pratica della Mercatura* no contexto dos manuais de mercadores medievais

Antes de procedermos à análise comparativa entre o *Zibaldone da Canal* e o *La Pratica della Mercatura*, faremos uma apresentação dos manuais de mercadores que se tem conhecimento, publicados ou localizados em arquivos e que aguardam publicação. Trata-se de um breve “estado da questão” acerca da existência de tais manuais, no qual indicaremos dados como autoria, época da composição, conteúdo e as edições existentes. Adotamos uma indicação cronológica, partindo daqueles considerados mais antigos para os de composição mais recente, o que equivale dizer, do século XI ao século XV.

Sabe-se que os manuais de mercadores fazem parte de um gênero literário que se começa a difundir no Ocidente, em fins do século XIII. Todavia, existem pelo menos dois manuais anteriores a esse século. O primeiro deles e o mais antigo manual de mercador que se tem notícia foi escrito por um autor árabe Abu al-Fadhl al-Dimishqi, intitula-se *Le livre relatif aux beautés du commerce et à la connaissance des bonnes et mauvaises marchandises et des falsifications (que) les trompeurs (commettent) sur elles*.⁵ A época da composição é incerta. André E. Sayous acredita que tenha sido entre os séculos XI e XII, na Síria.⁶ Robert S. Lopez indica o estudo

⁵ Literalmente: “O livro relativo às belezas do comércio e ao conhecimento das mercadorias boas e ruins e das falsificações que os trapaceiros fazem nelas”.

⁶ SAYOUS, André E. Un manuel arabe du parfait commerçant (XIe siècle environ). *Annales d’Histoire Économique et Sociale*, n. 12, p. 577-580, 1931. p. 578.

de C. Cahen, de 1962, que diz que o manual foi redigido no século V da Hégira ou século XI da Era Cristã.⁷

Esse pequeno manual foi publicado no Cairo em 1318 e discorre sobre a variedade das mercadorias: produtos exóticos e de maior aceitação (pedras preciosas, perfumes, especiarias, tecidos finos, corantes), metais (ferro, aço, cobre, chumbo, zinco, mercúrio, etc.), produtos alimentícios (trigo, farinha, óleo, mel, carne, gordura, frutas etc.), além da compra e venda de escravos e de animais de tração. Também apresenta uma descrição detalhada das principais operações comerciais e financeiras (compras à vista e a prazo, contratos, empréstimos etc.), além de outros assuntos de interesse dos comerciantes.⁸

Um segundo manual data do século XII e foi redigido pelo inspetor de comércio chinês Chau Ju-kua com o título *Chu-fan-chi*, que integra uma obra maior, *A description of barbarous peoples* ou *Records of foreign nations*, do mesmo autor. Escrito há quase dois séculos antes do relato de Marco Polo⁹ e os de outros viajantes árabes e cristãos sobre a China e o Oriente, este manual está dividido em duas partes: a primeira refere-se às diversas rotas e praças de comércio da Ásia, norte da África (especificamente Alexandria) e da Arábia; a segunda parte apresenta uma extensa relação dos produtos comercializados em cada região. O texto do manual foi traduzido para o inglês pelo sinólogo germano-americano Friedrich Hirt em parceria com o diplomata americano, especialista em história da Ásia, William Woodeville Rockhill.¹⁰

Conforme afirmamos, esses manuais são precedentes de um tipo de literatura que se tornaria comum no Ocidente a partir de fins do século XIII, e que terão as cidades italianas como o maior centro de produção e difusão. São mais conhecidos pelo nome genérico de *Pratica della Mercatura*, segundo a

⁷ LOPEZ, Robert S. Un text inédit: le plus ancien manuel italien de technique commerciale. **Revue Historique**, v. 243, n. 1, p. 67-76, 1970. p. 68.

⁸ SAYOUS, André E. Op. Cit., p. 578.

⁹ Não tratarei aqui dos livros de viagem, como *O livro das maravilhas*, de Marco Polo. Ainda que esses nos forneçam informações sobre rotas comerciais, mercadorias e praças de comércio, não se configuram enquanto manual de mercadores.

¹⁰ Cf. HIRT, Friedrich; ROCKHILL, William W. **Chau Ju-Kua**: his work on the chinese and arab trade in the twelfth and thirteenth centuries, entitled *Chu-fan-Chi*. San Peterburg. Printing Office the Imperial Academy of Sciences, 1911. Disponível em <<https://ia600300.us.archive.org/30/items/chaujukuahiswork00chao/chaujukuahiswork00chao.pdf>>. Acesso: 06/06/2014.

denominação atribuída em meados do século XVIII por Gian-Francesco Pagnini, o primeiro editor do manual de Francesco Balducci Pegolotti (1340), que analisaremos adiante.

O livro de Pegolotti, embora mais completo, não foi o primeiro manual italiano de mercadores que se tem registro. Antes dele, existe um manual digno de nota: o *Memoria de tucte le mercantie*, anônimo, redigido em Pisa, por volta de 1278. Existe apenas uma cópia manuscrita do século XVII, que se encontra na Biblioteca Comunal de Siena.

Neste mesmo século, Enea Silvio Piccolomini, nobre e erudito de Siena, publicou pequenos trechos da obra num opúsculo hoje desaparecido, mas reproduzido por Ernesto Monaci em 1912, em uma antologia de textos antigos italianos, intitulada *Crestomazia italiana dei primi secoli*.¹¹ Allan Evans reproduz, em sua edição de 1936 do *La Pratica della Mercatura* de Pegolotti, algumas passagens do *Memoria de tucte le mercantie* pisano. No estudo introdutório ao texto de Pegolotti, esse autor aponta algumas semelhanças entre os dois manuais em assuntos como a equivalência de pesos e medidas, tarifas, e as coincidências das rotas comerciais.¹² Provavelmente Pegolotti conhecia o manuscrito de Pisa e se utilizou de algumas informações na composição de seu próprio manual.

Entretanto, os fragmentos reproduzidos por Ernesto Monaci e Allan Evans em seus estudos não dão conta da importância do manual de mercadores de Pisa. Para Robert Lopez, essas poucas referências

[...] não revelam o interesse do manual. Não somente ele é o mais antigo que se conheça na Itália, mas também o único de origem pisana, o que significa que ele estabelece uma ponte entre as tradições da Toscana interior e as tradições das cidades italianas marítimas. [...] O conjunto compreende, além de uma *pratica della mercatura*, 'fórmulas de processos civis, de instruções legais... e outras fórmulas para instrumentos (cartoriados)', um memorandum de astrologia e uma bem curta crônica da história de Pisa até 1278.¹³

¹¹ LOPEZ, Robert S. Op. Cit., p. 71.

¹² EVANS, Allan. Introduction. In: PEGOLOTTI, Francesco Balducci. **La pratica della mercatura**. New York: The Medieval Academy of America, 1936. p. XXXV-XXXVI.

¹³ “[...] ne font pas ressortir l'intérêt du manuel. Non seulement il est le plus ancien qu'on connaisse pour l'Italie, mais aussi le seul d'origine pisane, ce qui signifie qu'il jette un pont entre les traditions de la Toscane intérieure et celles des villes maritimes”. L'ensemble comprend, en plus d'une *pratica della mercatura*, des 'formules de procès civils, d'instructions légales... et d'autres formules pour

Não se sabe quem compilou o *Memoria de tucte le mercantie* e nem mesmo a profissão do autor. Tudo leva a crer que era um mercador, como a maioria dos autores de muitos outros manuais de “prática de mercancia”. Mas não se pode descartar a hipótese de que tenha sido um cartorário. Segundo Robert S. Lopez, “[...] estes tinham um papel muito ativo na vida comercial, mesmo quando não tomavam parte direta nisso, e possuíam muitas vezes a cultura superficial, mas enciclopédica, que apresenta o *Memoria*”.¹⁴

Considerando que os dois primeiros manuais de mercadores, o *Libro delle bellezze del commercio*, e o *Chu-fan-chi*, não foram compilados no Ocidente, há que se concordar com Robert S. Lopez de que o *Memoria de tucte le mercantie* é não apenas o mais antigo manual italiano de técnica comercial, mas, provavelmente, o primeiro de todo o Ocidente.¹⁵ Efetivamente, o *Memoria de tucte le mercantie* marca o início de um gênero literário que adquiriu grande difusão no Ocidente à medida que se desenvolvia a economia urbana e se reestabeleciam as redes comerciais entre a Europa e o Oriente via Mediterrâneo.

No século XIII observa-se o predomínio das cidades italianas mercantes e o controle das principais rotas e praças de comércio pelas grandes companhias a elas pertencentes. Isso explica a existência de vários manuais escritos, em sua maioria, por mercadores que trabalhavam para as companhias de comércio. Neste contexto inserem-se os dois manuais objetos de comparação neste artigo: o *Zibaldone da Canal* e o *La Pratica della Mercatura*.

O *Zibaldone*, tal qual o *Memoria de tucte le mercantie* apresentado acima, é de autoria anônima. Seu conteúdo revela, entretanto, que o autor tinha um profundo conhecimento do universo comercial de Veneza, em fins do século XIII e primeira metade do século XIV.

des instruments (notariés)’, un mémorandum d’astrologie, et une très courte chronique de l’histoire de Pise jusqu’en 1278”. LOPEZ, Robert S. Op. Cit., p. 71.

¹⁴ “[...] car les notaires jouaient un rôle très actif dans l’avie commerciales, même lorsqu’ils n’y prenaient pas une part directe, et possédaient solvante l’aculture superficielle mais encyclopédique dont la *Memoria* témoigne”. Ibidem, p. 71-72.

¹⁵ O autor escreveu seu artigo em 1970, a partir da análise do manuscrito do século XVII conservado na Biblioteca Comunal de Siena. Até o momento os estudiosos da história econômica medieval não têm apontado qualquer outro manual de mercador anterior ao *Memoria de tucte le mercantie* pisano.

No século XIII, Veneza havia se tornado uma importante praça de comércio, estabelecendo uma conexão entre Constantinopla, os estados muçulmanos e o Ocidente. Esse domínio veneziano provocou uma rivalidade política e econômica com as demais cidades italianas, sobretudo Gênova, que disputava os mercados controlados por Veneza. A situação se tornou mais conflituosa com o desencadeamento da Quarta Cruzada, que culminou na tomada de Constantinopla após a deposição do imperador Isaac II.¹⁶

Os venezianos atenderam à solicitação de Aleixo IV, filho do imperador deposto, que prometeu o retorno da autoridade do papa Inocêncio III e as vantagens comerciais no território do Império. Em 1204, os cruzados liderados por venezianos e franceses tomaram Constantinopla e coroaram Aleixo IV como imperador. Seu assassinato no início desse mesmo ano levou venezianos e franceses a atacarem e saquearem a cidade.

Bauduino, conde de Flandres, assumiu o poder e o império foi dividido. O novo imperador ficou com Constantinopla e um quarto do território. O restante foi partilhado igualmente entre franceses e venezianos. O estabelecimento do Império Latino de Constantinopla foi fundamental para afirmação do domínio veneziano. Assim como dividiram o espólio, os venezianos ocuparam uma série de bases navais estratégicas. A mais importante foi a da própria Constantinopla, seguida por Negroponte na ilha de Euboea e as bases de Modon e Coron no Peloponeso. Também compraram Creta e outros territórios pertencentes a Bonifácio de Montferrat, comandante da Quarta Cruzada.

O controle desses portos não apenas consolidou o império comercial veneziano no Mediterrâneo oriental, bem como provocou uma tensão maior com a

¹⁶ A participação de Veneza nas Cruzadas deu-se desde a Primeira, todavia, tardiamente. Os venezianos estavam mais preocupados com a expansão dos genoveses e pisanos, do que com os conflitos na Terra Santa. Em 1099 entraram em conflito com os pisanos que estavam ancorados para passar o inverno na ilha de Rhodes. Com a vitória veneziana os pisanos concordaram em não comercializar com os Bizantinos. Na Terceira Cruzada, empreendida pelos reis da França e da Inglaterra, a cidade não participou diretamente dos conflitos. Os navios venezianos apenas transportaram os cruzados. A historiografia sobre as Cruzadas é bastante ampla. Indico algumas obras mais recentes: RILEY-SMITH, Jonathan. **The Oxford history of crusades**. Oxford: University Press, 2001; TYERMAN, Christopher. **Las guerras de Dios: una nueva historia de las cruzadas**. Barcelona: Crítica, 2007; RILEY-SMITH, Jonathan. **Qué fueron las cruzadas?** Barcelona: Acantilado, 2012; PHILLIPS, Jonathan P. **The crusades: 1095 – 1204**. London: Routledge, 2014.

república de Gênova. Em 1298, a armada genovesa derrotou as galeras venezianas nas proximidades da ilha de Curzola no Mar Adriático.¹⁷

O autor do *Zibaldone da Canal* registra os interesses venezianos no mercado oriental e os conflitos com os genoveses, o que leva os estudiosos desse manual a acreditar tratar-se de um jovem mercador aspirante ao mundo dos negócios ou um mercador vinculado a uma grande companhia.

De acordo com a análise de John E. Dotson:

O manuscrito está escrito em uma letra gótica muito elegante, uniforme e chancelada com ilustrações e iniciais decoradas que sugerem o trabalho de um escriba profissional. O papel, o estilo da escrita, e a linguagem indicam que o manuscrito foi produzido nas últimas décadas do século XIV. O material no *Zibaldone da Canal*, entretanto, parece datar da primeira parte daquele século, no mais tardar. O último ano mencionado na sua breve crônica é o de 1303. A única data que parece indicar a época da composição é aquela que começa a seção sobre pesos e medidas: 20 de Agosto de 1311.¹⁸

Os argumentos corroboram a ideia de que as informações foram sendo coletadas aos poucos e que no final do século XIV a cópia, hoje conhecida, foi redigida. Ou seja, trata-se de um manuscrito do século XIV, mas a data exata de sua composição é impossível de se precisar.

¹⁷ Episódio marcante na história de Veneza em que um número pequeno de genoveses impôs humilhante derrota às galeras da *Sereníssima*, como era conhecida Veneza na época. Cerca de 5000 marinheiros venezianos foram presos e mantidos como cativos em Gênova. Entre esses prisioneiros encontrava-se, supostamente, Marco Polo. A tese de que o ilustre mercador veneziano tenha sido realmente capturado pelos genoveses e permanecido na prisão em Gênova onde teria conhecido Rustichello de Pisa e ao qual teria ditado suas memórias da viagem à China, tem sido negada por investigações mais recentes. Alguns historiadores questionam inclusive o fato de que Marco Polo teria realmente ido à China. Sobre essas polêmicas, veja-se: WOOD, Frances. **Marco Polo foi à China?** Rio de Janeiro: Record, 1997; LARNER, John. **Marco Polo y el descubrimiento del mundo.** Barcelona: Paidós, 2001; HEERS, Jacques. **Marco Polo.** Barcelona: Ediciones Folio, 2004.

¹⁸ "The manuscript is written in a very neat, regular, chancery gothic hand with illustrations and decorated initials that suggest the work of a professional scribe. The paper, style of the hand, and language indicate that the manuscript was produced in the last decades of fourteenth century. The material in the *Zibaldone da Canal*, however, seems to date from the first part of that century at the latest. The last year mentioned in the brief chronicle is 1303. The only data given which seems to indicate the time of composition is that which begins the section on weights and measures: 20 August 1311" DOTSON, John E. *The world of the Zibaldone da Canal.* In: _____. (ed.). **Merchant culture in the fourteenth century Venice: the Zibaldone da Canal.** New York: Medieval & Renaissance Text & Studies, 1994. p. 9-10. Analisando os estudos introdutórios à edição italiana de 1967, John E. Dotson acredita que a obra deve ter sido composta entre 1311 e 1331.

O termo *Zibaldone* significa livro de anotações, o que o editor da versão em inglês do manual chama de “notebook”, “miscellany” ou “commonplace book”, e recebeu seu complemento - *da Canal* - devido a proximidade do autor com a família da Canal. Em 1422, a única cópia existente estava em poder do jovem Nicolò da Canal di Bartolomeo, na época com 18 ou 19 anos, e que assina duas vezes como proprietário nas últimas folhas do manuscrito. Sabe-se pouco da vida juvenil de Nicolò. Segundo Alfredo Stussi, os documentos revelam que o navio dos da Canal trafegava pelo Mediterrâneo. Em 1426 Nicolò aportou em Beirute e em 1431 viajou de Alexandria para Creta. Era, portanto, um jovem comerciante.¹⁹

A família da Canal manteve a posse do manual até o século XVII. Entre 1688 e 1761, este permaneceu na biblioteca do senador veneziano Jacopo Soranzo; entre 1727 e 1805 pertenceu ao abade Matteo Luigi Canonici, cujo acervo de obras clássicas e manuscritos foi adquirido pela Biblioteca Bodleyan de Oxford, em 1817. Em 1835 passou para as mãos do colecionador inglês Reverendo Walter Sneyd.²⁰ Em 1967 a Universidade de Yale obteve a propriedade do manuscrito e integrou-o à coleção *Beinecke Rare Book Library*.

Existem duas edições do *Zibaldone da Canal*. A primeira, publicada em Veneza em 1967, foi patrocinada pelo *Comitato Editore*, sob a edição de Alfredo Stussi. A segunda foi publicada em 1994, em inglês, pelo *Center for Medieval and Early Renaissance Studies*, a cargo de John Dotson.

Não abordaremos, neste tópico, o conteúdo do *Zibaldone da Canal*, pois o mesmo será tratado no item seguinte em que faremos a comparação com o manual de Francesco Balducci Pegolotti. Passemos, então, à discussão deste que é considerado o mais completo manual de mercador da Idade Média: o *La Pratica della Mercatura*.

Francesco Balducci Pegolotti trabalhava como representante da Companhia dos Bardi, uma das mais importantes dentre o grupo de mercadores e banqueiros que dominavam o mundo dos negócios em Florença no século XIV. A cidade era uma potência comercial e financeira, com uma forte base produtiva que estimulava

¹⁹ STUSSI, Alfredo. *Notte introduttive*. In: _____. (ed.). **Zibaldone da Canal**: manoscritto mercantile del sec. XIV. Venezia: Il Comitato Editore, 1967. p. IX-XI.

²⁰ *Ibidem*, p. X.

a busca de matérias-primas e mercados amplos e rentáveis para seus produtos. Essa privilegiada condição econômica e a abundância de capital dela decorrente possibilitaram aos mercadores florentinos assumir a liderança no mundo das finanças internacionais. Entre seus credores encontravam-se a Cúria Papal e os reis da França e da Inglaterra, além da Casa Angevina de Nápoles e um grande número de potentados europeus. Essas transações proporcionaram como consequência natural dos favores e privilégios, um impulso às atividades comerciais e financeiras florentinas.

A empresa, incluindo o Banco dos Bardi, tinha filiais na Antuérpia, Bruges, Paris, Londres, Avignon, em muitas cidades italianas, em Maiorca, Rhodes, Chipre e Constantinopla. Disfrutava de privilégios no porto de Setalia, na Ásia Menor, no porto de Ayas, na Arménia, Farmagusta, em Chipre e no porto de Sevilha. Também possuía escritório em Cracóvia, na Polónia. Com esses recursos fazia empréstimos para reis, barões, prelados e comerciantes. Em um dos poucos fragmentos do livro de contas da empresa preservados, constam os nomes de 336 homens empregados entre 1310 e 1340.²¹

O nome de Pegolotti aparece na folha de pagamento Companhia Bardi pela primeira vez em 1310, certamente poucos anos depois dele ter finalizado sua aprendizagem.²² Representou a empresa na Antuérpia em 1315; em 1317 partiu para a Inglaterra, para assumir a chefia do escritório de Londres, onde permaneceu por quatro anos à frente dos negócios. Em fins de 1321, encerra suas atividades no norte da Europa e retorna à Florença. Em 1324, viajou para Chipre com o objetivo de negociar a isenção de taxas aos mercadores florentinos. Lá nasceu a ideia de compilar seu manual, dada a riqueza e a disponibilidade de informações sobre mercadorias, taxas, pesos e medidas.²³ Após cinco anos, retorna à Florença e entra para a política, exercendo o cargo de *Gonfaloniere di Compania*.²⁴ Em 1336 viajou

²¹ EVANS, Allan. Introduction. In: PEGOLOTTI, Francesco Balducci. **La pratica...** Op. Cit., p. XVI.

²² SAPORI, Armando. **La crisi dele compagnie mercantilli dei Bardi e dei Peruzzi**. Firenze: L. S. Olschki, 1926. p. 273. Sobre o universo das grandes companhias de comércio medievais, veja-se: HUNT Edwin S. **The medieval super-companies: a study of Peruzzi Company of Florence**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

²³ No século XIV o reino de Chipre era um importante entreposto comercial que ligava as rotas do Ocidente às do Oriente, África e Ásia.

²⁴ "Gonfaloneiro de Empresa". Um tipo de alferes que representava os comerciantes no Conselho de Estado.

para o Oriente onde negociou uma Carta patente junto ao rei da Armênia, para a liberação das taxas impostas à companhia. Voltou à Florença, em 1340, onde permaneceu na Companhia dos Bardi até a falência da empresa por volta de 1344.²⁵

O único manuscrito existente do seu manual encontra-se na Biblioteca Riccardiana de Florença e é uma cópia datada de 1472, elaborada por Filippo di Niccolao Frescobaldi a partir de uma cópia anterior de Agnolo di Lotto dall'Antella, baseada no original de Francesco Pegolotti. A primeira edição data de 1766, impressa por Gian-Francesco Pagnini. A obra integra o terceiro volume de uma coleção que Pagnini chamou de *La practica della mercatura*, título pelo qual se tornou conhecida. Entretanto, os primeiros estudos do manual de Pegolotti surgem duas décadas após sua publicação. Os historiadores da geografia interessaram-se pelas descrições apresentadas pelo autor da rota para a China, desde então, o manual tem sido utilizado tanto em pesquisas geográficas quanto na História Econômica.²⁶

Em 1936, Allan Evans publicou a primeira edição crítica do *La Pratica della mercatura*²⁷ a partir do manuscrito da Biblioteca Riccardiana de Florença, sob o patrocínio da *Medieval Academy of America*. Em seu estudo introdutório, o editor aponta as várias alterações realizadas por Pagnini em sua edição de 1766, procurando recuperar o conteúdo e o formato original do manuscrito.²⁸ Existem

²⁵ EVANS, Allan. Introduction. In: PEGOLOTTI, Francesco Balducci. **La pratica...** Op. Cit., p. XVII-XXV.

²⁶ Ibidem, p. IX-X.

²⁷ *Pratica della Mercatura* é o título pelo qual ficou conhecido o manual de Francesco Balducci Pegolotti, a partir da edição de Gian-Francesco Pagnini que o publicou no século XVII juntamente com outros tratados comerciais. O título original é: *Libro di divisamenti di paesi e di misure di mercatantie e d'altre cose bisognevoli di sapere a mercatanti di diverse parti del mondo, e di sapere che usano le mercatantie e cambi, e come rispondono le mercatantie da uno paese a un altro e da una terra a un'altra, e simile s'intnderà quale è migliore una mercatantia che un'altra e d'onde ele vengono e mosterreno il modo a conservarle piu che si può.* (Livro de Descrições de países e de medidas empregadas no negócio, e de outras coisas necessárias ao conhecimento dos comerciantes de diferentes partes do mundo, e por todos os que têm a ver com mercadorias e trocas; mostrando também que relação tem a mercadoria de um país ou de uma cidade com as de outros; e como um tipo de bens é melhor do que outro tipo; e de onde eles provém e como eles podem ser mantidos o maior tempo possível).

²⁸ As alterações realizadas por Pagnini incluem: separação de palavras, eliminação de algumas cartas presentes no manuscrito por considerá-las supérfluas, introdução de pontuações e acentos. Foram feitas algumas emendas ao texto original e colocadas como notas de rodapé. Algumas frases e linhas do manuscrito foram eliminadas, além da visível distorção de algumas palavras.

várias reedições deste manual, todas a partir da publicação realizada por Allan Evans.

Do mesmo modo como procedemos ao tratarmos do *Zibaldone da Canal*, deixaremos o conteúdo do *La Pratica della Mercatura* para o item seguinte, quando faremos a comparação entre esses dois manuais.

Existem cinco outros manuais de mercadores do século XIV que são dignos de nota, e que faremos, abaixo, breves considerações integrando-os no contexto dos manuais apontados acima.

O *Tarifa zoè noticia dy pexi e mexure di luogi e tere che s'adovra marcadantia per el mondo*, escrito em Veneza por volta de 1345. O manuscrito localizado na Comuna italiana de Marciana encontra-se hoje no Archivio di Stato di Venezia e foi publicado pela Università degli Studi di Venezia em conjunto com o Istituto Superiore di Scienze Economiche e Comercial di Venezia em comemoração ao décimo primeiro centenário da Universidade de Pavia, em 1925.²⁹ Trata-se de um pequeno manual de autor desconhecido que apresenta uma gama de informações úteis aos mercadores venezianos. Segundo Allan Evans, o manual se divide em três partes: a primeira e a segunda apresentam dados econômicos de várias praças de comércio, como Constantinopla, Alexandria, Damasco, Farmagusta, Maiorca, a própria Veneza, Trebizonda, Messina Ancona, Montpellier e o ciclo de Feiras de Champagne. A terceira parte oferece informações complementares à prática dos negócios.³⁰

Alfredo Stussi e John E. Dotson, responsáveis pelas publicações em italiano e inglês, respectivamente, do *Zibaldone da Canal*, e Allan Evans, pela edição de *La practica della mercatura*, de Pegolotti, apontam algumas semelhanças entre o *Tarifa zoè noticia dy pexi e mexure di luogi e tere che s'adovra marcadantia per el mondo* e esses dois manuais, o que indica que, provavelmente, o anônimo autor desse último manuscrito conhecia os anteriores. Tais indícios apontam a existência de uma cultura do manual de mercadores a partir do século XIV, em que ocorre a

²⁹ DOTSON, John E. The world of the Zibaldone da Canal. In: ____ (ed.). **Merchant culture...** Op. Cit., p. 15.

³⁰ EVANS, Allan. Introduction. In: PEGOLOTTI, Francesco Balducci. **La pratica...** Op. Cit., p. XLVI.

repetição de dados econômicos compilados em manuais anteriores ao que se estava escrevendo.

O manual conhecido com o título de *La pratica di mercatura datiniana*, foi redigido em 1385 ou 1386 e encontra-se no Archivo Datini de Prato (ms. 1174). Trata-se de uma cópia interpolada por Cristofano di Bartolo Carocci da Barberino di Mugello que acrescentou informações referentes à Sevilha. O texto foi publicado por Cesare Ciano em 1964 sob o patrocínio do Instituto de História Econômica das universidades de Florença e Pisa.³¹

Um outro manual inacabado foi escrito entre 1394 e 1395 por Ambrogio Di Messer de'Rocchi, jovem mercador, que representava a Companhia Datini, de Florença em Maiorca e Valência. Um dos manuais de mercadores de publicação mais recente, 1980, a cargo de Bruno Dini, que o intitula *Una pratica di mercatura in formazione (1394-1395)*. A obra é precedida de um exaustivo estudo introdutório elaborado por Dini, acerca da figura de Ambrogio de'Rocchi, dos seus registros de negócios e do mundo comercial italiano de fins da Idade Média. Com a idade aproximada de 13 anos, Ambrogio entrou para o mundo dos negócios trabalhando como aprendiz na Companhia de Ambrogio di Meo e Andrea Bomanno, de Gênova, em 1387. Essa empresa era coligada com outras que Ambrogio di Meo tinha em Florença, todas vinculadas à Companhia de Datini, desde 1384.³²

No século XIV, Gênova era um importante centro de negócios por onde passava a rota do tráfego comercial de todo o Mediterrâneo ocidental, dos entrepostos do Mar do Norte e das rotas para o Levante. De lá, os produtos eram distribuídos para um amplo território que se estendia da Provença à Alemanha, incluindo várias cidades suíças, o vale do rio Pó ocidental e central, com importante centro em Milão, na Ligúria e na Toscana. Nesse sistema, tinha especial importância as praças de Valência e Barcelona, que comercializavam as matérias-primas e produtos acabados italianos.

³¹ Cf. CIANO, Cesare. **La pratica di mercatura datiniana**: seculo XIV. Milano: Biblioteca della Rivista Economia e Storia, 1964.

³² DINI, Bruno. **Una pratica di mercatura in formazione**: 1394 – 1395. Firenze: Felice le Monnier, 1980. p. 6.

A Companhia de Ambrogio di Meo e Andrea Bomanno atuava nesses dois entrepostos em parceria com a Companhia Datini de Florença. Em 1394, Ambrogio Di Messer de'Rocchi, aos 21 anos, foi enviado para assumir o posto de representante comercial da Companhia Datini em Maiorca. Em janeiro de 1395 foi para Valência a serviço da mesma empresa. Adoeceu e morreu prematuramente em 17 de junho de 1396.³³

Pelo conteúdo de seu incompleto manual, o curto período em que Ambrogio de'Rocchi esteve à frente dos negócios da empresa Datini,³⁴ parece ter sido de intensa atividade. Suas anotações fornecem variadas informações sobre os mercados de Maiorca e Valência, tais como pesos, medidas, preços das mercadorias e taxas de câmbio. Outras informações úteis aos mercadores como custos adicionais de comércio, encargos para embalar os fardos de mercadorias, valor de seguros, de transporte e de carga, além dos vários tipos de impostos sobre o consumo e as portagens de cada lugar são igualmente registradas. Apesar de incompleto, o manual de Ambrogio Di Messer de'Rocchi fornece informações importantes para o estudo do comércio e da economia medieval no final do século XIV, além de representar o testemunho da vida dos mercadores medievais, sua formação e suas atividades profissionais.

O quarto manual foi redigido em Gênova, em 1396, por um mercador chamado Saminiato di Gociozzo vinculado à empresa comercial dos Ricci, de Florença. O manuscrito pertence à Biblioteca Nacional de Florença (Códice 71) e é, na realidade, uma cópia elaborada em 1416 por Antonio di Messer Francesco da Pescia. Em 1963 foi publicado pelo Instituto de História Medieval e Moderna da Universidade de Gênova.³⁵

O último manual do século XIV que se tem notícia foi escrito em Barcelona e intitula-se *Libre de conexenses de spícies, e de drogues e de avissaments de pessos, canes e massures de diverses terres*. Pertence à Biblioteca Universitária de Barcelona (Ms. 4). Trata-se de uma cópia feita em 1455, a partir de um original

³³ Ibidem, p. 16.

³⁴ Sobre a Companhia de Datini e esse importante mercador, conferir: ORIGO, Iris. **The merchant of Prato**: Francesco Di Marco Datini. London: Jonathan Cape, 1957.

³⁵ Cf. BORLANDI, Antonia. **Il manuale di mercatura di Saminiato de Ricci**. Genova: Università di Genova, 1963.

composto em 1385, desaparecido. Não se sabe a autoria, mas evidências sugerem que foi um mercador catalão que procurou registrar suas experiências mercantis, baseando-se nos modelos de manuais de mercadores italianos, como os de Giovanni di Antonio da Uzzano, Giorgio Chiarini e Francesco Pegolotti, conhecidos na Península Ibérica.

O conteúdo deste manual é muito semelhante aos demais, exceto a parte introdutória em que o autor elabora uma breve discussão sobre a “arte da mercancia” e as qualidades que devem possuir os mercadores para desempenhá-la com sucesso. É possível identificar uma relação entre essa primeira parte do manual catalão com a obra de Benedetto Cotrugli. No restante da obra o autor dá ênfase à conservação e durabilidade dos produtos em minuciosa descrição, agrupando-os segundo suas qualidades. Há uma série de informações úteis aos mercadores, tais como a diversidade de moedas, pesos e medidas com suas equivalências, fretamento de navios, taxas e aduanas nas diversas praças de comércio, especialmente do comércio com a Tunísia.

A única edição deste manual hispânico de mercancia foi patrocinada pelo Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC). Trata-se de uma publicação póstuma, de 1981, do exaustivo trabalho de investigação do historiador econômico Miguel Gual Camarena, falecido em 1974, que o intitulou *El primer manual hispánico de mercadería (siglo XIV)*. Além do minucioso estudo introdutório, o editor acrescenta à obra um vasto glossário acerca dos produtos, moedas, pesos, medidas e lugares mencionados no manuscrito.³⁶

Os manuais de mercadores do século XV são muito similares ao *La Pratica dela Mercatura* de Francesco Balducci Pegolotti que apontamos acima. Existem três manuais escritos neste século que merecem atenção, um compilado em Veneza ou Pisa, outro em Florença e o terceiro foi escrito por um mercador de Dubrovnik, na Croácia, quando a cidade se chamava Ragusa e pertencia à república de Veneza.

O manuscrito florentino ou pisano foi compilado em 1442, por Giovanni di Antonio da Uzzano. Intitula-se *Pratica della mercatura scritta da Giovanni di Antonio da Uzzano nel 1442*. Foi publicado juntamente com o manual de Pegolotti,

³⁶ Cf. GUAL CAMARENA, M. (ed.). **El primer manual hispánico de mercadería**. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1981.

em 1766, por Gian-Francesco Pagnini e compõe o quarto volume de sua coleção *Pratica della Mercatura*. Esse manual contém informações detalhadas sobre as tarifas comerciais em Florença, Pisa e Siena. Também discute acerca dos pesos, medidas e moedas em várias outras praças de comércio. Segundo Allan Evans, algumas das informações compiladas por Uzzano são paráfrases das fornecidas por Francesco Balducci Pegolotti em seu manual de 1340.³⁷

O manual florentino intitula-se, *Libro che tracta di mercatantie et usanze de' paesi* é comumente atribuído a Giorgio Chiarini. Existem vários manuscritos e o mais antigo é o Códice Panciatichiano (Ms. 72) da Biblioteca Nacional de Florença datado de 1458. Seu conteúdo aborda as diferenças dos câmbios em diversos países, além de informações sobre ligas monetárias, letras de câmbio, feiras comerciais e produtos. O texto foi editado três vezes na forma de incunábulo, em 1481, 1490 e 1498. Foi publicado em 1936 por Franco Borlandi com um amplo glossário.³⁸

O terceiro manual do século XV intitula-se *Il libro dell'arte de mercatura* e foi escrito em 1458, em Nápoles, por Benedetto Cotrugli, um comerciante de lã, publicado pela primeira vez em 1573. Existem duas edições contemporâneas do manual de Cotrugli, uma italiana divulgada em 1990, e uma francesa, de 2008.³⁹ Diferentemente da maioria dos manuais de mercadores, de caráter eminentemente comercial e financeiro, o “livro da arte da mercancia”, de Cotrugli, apresenta uma abordagem mais teórica, centrada na definição da imagem do mercador perfeito.

O Zibaldone da Canal e o La Pratica della Mercatura: semelhanças e diferenças

Apesar de pertencerem ao mesmo gênero literário, manuais de mercadores, o *Zibaldone da Canal* e o *La Pratica della Mercatura* apresentam algumas diferenças, quando comparados os seus conteúdos. O primeiro assume

³⁷ EVANS, Allan. Introduction. In: PEGOLOTTI, Francesco Balducci. **La pratica...** Op. Cit., p. XXXIX-XLIII.

³⁸ Cf. CHIARINI, Giorgio di Lorenzo. **El libro di mercatantie et usanze de'paesi**. Torino: S. Lattes & C. Editori, 1936.

³⁹ Cf. COTRUGLI, Benedetto. **Il libro dell'arte di mercatura**. Venezia: Arsenale Editrice, 1990; COTRUGLI, Benedetto. **Traité de la merchandise et du parfait marchand**. Saint-Denis: Editions de la Gestion, 2008.

notadamente um caráter didascálico e se destina a servir como manual de instrução a jovens aprendizes ao ofício de mercador, enquanto que o segundo constitui-se como um compêndio de informações técnicas e práticas do mundo comercial e financeiro a ser utilizado por mercadores e demais negociantes no exercício da profissão.

O conteúdo do *Zibaldone da Canal* está estruturado em tópicos e de forma aleatória: as primeiras páginas foram perdidas, de modo que o manual inicia-se com uma longa lista de cálculos e exercícios de matemática financeira e comercial, além de informações mercantis acerca da equivalência de pesos e medidas venezianos em relação aos das diversas regiões com as quais estes comercializavam. Discorre também sobre a equivalência entre a moeda veneziana e as moedas estrangeiras, bem como as formas de convertê-las. Uma segunda seção apresenta conteúdo de cunho histórico-literário, como uma versão veneziana da *História de Tristão*, duas longas *sirventes*⁴⁰ e uma Crônica de Veneza. Outra pequena parte trata de assuntos relativos à astronomia, astrologia e às plantas medicinais. A parte final do manual trata de assuntos de natureza religiosa e moral: os Dez Mandamentos, os Preceitos de Salomon e demais provérbios.⁴¹

O *La Pratica della Mercatura* divide-se em três partes: uma introdutória contendo a nomenclatura comercial com os termos utilizados em cada região para designar aduanas, barcos, hospedarias e a metragem dos tecidos etc. Encerra essa primeira parte, os versos de um poema exaltando as qualidades de um verdadeiro mercador. A parte central da obra – a maior de todas – forma um tratado geoeconômico sobre os principais mercados da Europa, Ásia, Oriente e África. Inclui uma gama variada de informações sobre as rotas, as moedas locais e suas equivalências, as tarifas aduaneiras, o valor dos transportes, os produtos típicos de cada região, as importações e exportações, os preços, entre outros. Não há uma divisão formal entre a segunda e a terceira parte, esta última apresenta informações complementares como a metragem dos tecidos, a pesagem, os

⁴⁰ Composição trovadoresca de gênero satírico que surge na Provença no século XII, na qual se reflete sobre aspectos gerais ou particulares da vida moral, social e política.

⁴¹ Veja-se: DOTSON, John E. (ed.). **Merchant culture in the fourteenth century Venice: the Zibaldone da Canal**. New York: Medieval & Renaissance Text & Studies, 1994.

corantes, as peles, as pérolas, as pedras preciosas e os metais. O texto se encerra com uma afirmação acerca do conhecimento que deve possuir o mercador sobre os produtos que pretende comprar e vender.⁴²

Conforme observamos, o *Zibaldone* veneziano servia como “manual de instrução” aos futuros mercadores. A primeira fase da aprendizagem consistia basicamente em aprender a ler e a escrever. Os filhos dos mercadores mais abastados contavam com preceptores que os ensinavam na própria casa. Também se recorria às escolas eclesiásticas e monacais, com a finalidade de aprenderem o latim. Henri Pirenne observa que o latim “[...] foi, na verdade, a língua do comércio em seu início, pois foi a Igreja que forneceu inicialmente aos mercadores a instrução que eles só podiam adquirir por meio dela”.⁴³

Encerrada a primeira fase, os jovens aprendizes entravam para as Escolas de Ábaco, bastante difusas nas cidades italianas, onde permaneciam por dois ou três anos para o aprendizado da matemática. Além das quatro operações básicas, aprendiam a efetuar cálculos comerciais e financeiros. Também adquiriam conhecimentos acerca da história, da literatura, dos costumes, crenças e religião. Em tais escolas, para as quais os filhos de mercadores entravam com a idade aproximada de 11 a 14 anos, manuais como o *Zibaldone* eram muito utilizados.

Vejamos alguns exemplos de cálculos matemáticos presentes no *Zibaldone da Canal*:

Faça-me este cálculo: Os comerciantes de Veneza levam para todos os lugares prata esterlina que custa £11 e 5 xelins. Eu dei à casa da moeda de Veneza 3 marcos [...] ao custo de £11 e 13 xelins cada marco. Eu pergunto quantos marco[s...] terei da casa da moeda à razão de £11 e 5 xelins cada marco. E esta [...] regra certa: a diferença é 8 xelins por marco, que significa [...] 13.6 onças e 8 xelins, mais que o total que nós

⁴² Cf. PEGOLOTTI, Francesco Balducci. **La pratica della mercatura**. New York: The Medieval Academy of America, 1936.

⁴³ “[...] fut en réalité la langue du commerce à ses debuts, puisque c’est l’Église qui dota d’abord les marchand de l’instruction qu’ils ne pouvaient acquérir que grâce à ele”. PIRENNE, Henri. L’instruction des marchands au Moyen Age.). **Annales d’Histoire Économique et Sociale**, t. 1, p. 13-28, 1929. p. 21. Disponível em <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_0003-441x_1929_num_1_1_1033>. Acesso: 22/01/2013.

[...] para obter 401 marcos, 3 onças e 8 xelins, 3 pence a mais; e assim se faz [em...] cálculos semelhantes.⁴⁴

Faça-me este cálculo: Nós levamos através de um sujeito veneziano mil quilos de ferro para vender em Apulia, e me custou £33, e nós vendemos mil quilos Apulianos por 3 onças [dinheiro]. Eu lhe pergunto quanto uma onça [dinheiro] valerá? Esta é a regra certa: nós devemos descontar $\frac{1}{4}$ de £33, e £24 e 15 xelins permanecem, o qual a pessoa tem de dividir em 3 partes. Isso será £8 5xelins por onça [dinheiro]. E é quanto uma onça [dinheiro] vai custar.⁴⁵

Há uma série de informações relativas à equivalência da moeda veneziana em relação às moedas estrangeiras: “O marco Veneziano é equivalente a um marco, meia onça em Famagusta. Em Chipre o ouro é pesado pelo peso do besante⁴⁶ sarraceno, e 56 e $\frac{1}{3}$ deles são equivalentes a um marco em Veneza.⁴⁷

No que se refere à parte relativa aos conhecimentos gerais, o manual veneziano reproduz uma série de informações retiradas de compêndios, como por exemplo, a obra *Liber de proprietatibus (Livro das propriedades)*, de Bartholomeus Anglicus, erudito franciscano do século XIII.

Vejamos um pequeno trecho:

Saiba que as coisas que estão na pessoa do urubu são as seguintes. Primeiro, os pés do urubu: se qualquer pessoa tem uma dor nos pés, vamos supor que seu pé esquerdo dói. Você deve pegar o pé direito do urubu e deve amarrar ao seu pé esquerdo para remédio. Imediatamente a dor irá embora. E se o pé direito doer, pegue o pé esquerdo do urubu e amarre-o ao pé direito da pessoa. Imediatamente a dor irá embora. Saiba também: pegue as penas do urubu, queime e faça fumaça com elas.

⁴⁴ “Make me this calculation: The merchants of Venice carry everywhere sterling silver that costs £11 5s.. I gave to the mint of Venice 3 marks [...] at £11 13s. for each mark. I ask how many mark[s...] to have from the mint at £11 5s. each mark. And [...] rule: the difference is 8s. per mark, that comes to [...] 13,6 ounces an 8 shillings, 3 pence more; and thus make[s...] similar calculations”. THE ZIBALDONE da Canal. In: DOTSON, John E. (ed.). **Merchant culture in fourteenth century Venice**: the Zibaldone da Canal. New York: Medieval & Renaissance Texts & Studies, 1984. p. 30. Cabe observar que o autor ao fazer a versão do manuscrito italiano para a língua inglesa, manteve o estilo arcaico da escrita. O mesmo fez o responsável pela edição italiana do manual em 1967. Em nossa tradução procuramos respeitar o estilo sem prejudicar a compreensão. Com isso aparecerão alguns “pecados” na construção frasal, mas que preservam a singeleza da descrição.

⁴⁵ “Make me this calculation: we have carried 1 thousandweight of iron by Venetian wight to Apulia to sell it, and cost me £33, and we have sold Apulian thousandweight for 3 ounces [money]. I ask you, how much an ounce [money] will cost? This your right rule: that we ought to discount $\frac{1}{4}$ from £33, and £24 15s. remain, wich one ought to divide in 3 parts. That comes to £8 5s. per ounce [money]. And is how much an ounce [money] will cost”. Ibidem, p. 43-44.

⁴⁶ Besante: Ouro sólido do Império Bizantino, que circulou amplamente na Idade Média.

⁴⁷ “O marco Veneziano é equivalente a um marco, meia onça em Famagusta. Em Chipre o ouro é pesado pelo peso do besante sarraceno, e 56 e $\frac{1}{3}$ deles são equivalentes a um marco em Veneza. Ibidem, p. 102.

Isso espanta as serpentes imediatamente. Elas não aguentam essa fumaça.⁴⁸

Certas passagens definem algumas regras de conduta necessárias àquele que pretendia exercer o ofício de mercador:

Cortesia vinda da boca é muito valiosa, e custa pouco. O homem extravagante não pode adquirir grandes coisas que durem muito tempo. Quem erra e não sabe que errou deve encontrar clemência, mas quem erra conscientemente não é sincero e nem bom. Se o homem reconhece nele próprio o que vê em outras pessoas, eu tenho uma convicção firme que ele não falhará no fim, entretanto às vezes ele pode fracassar tristemente. Aquele que consegue se controlar; parece a mim, que tem um grande poder.⁴⁹

A última parte do *Zibaldone da Canal* apresenta um miscelânea de assuntos, que inclui especulações astrológicas:

Se o primeiro de janeiro cair num domingo, o inverno será morno, e a primavera será úmida, e o verão e outono serão ventosos. Haverá uma abundância de ovelha, mel, e pouco vinho, e poucos grãos. Muitas pessoas jovens morrerão, haverá muitos roubos, e qualquer notícia será de príncipes ou de reis.

Se o primeiro de janeiro for numa segunda-feira, o inverno será como de costume, e a primavera e verão serão temperados, e haverá uma grande inundação, e grande doença, e haverá pouco mel e vinho e grãos, e haverá muito frio e gelo e haverá uma grande mortalidade por falta de ferro, e muitas pessoas morrerão de infecção de garganta [...].⁵⁰

⁴⁸ “Know that the things that are in the person of the vulture are as below. First, the feet of the vulture: if any person has a pain in his feet, let us suppose your left foot hurts, you ought to take right foot of the vulture and bind it to your left foot for remedy. Immediately the pain will go away. And if the right foot hurts, take the left foot of the vulture and bind it to the right foot of the man. Immediately it will go away. Also know: take the feathers of the vulture and bur then, and make smoke of then. And it drives out serpents immediately, and they cannot stand this smoke. Ibidem, p. 144.

⁴⁹ “Courtesy from the mouth is very valuable, and costs little. The excessive man cannot acquire great things that last long. Whoever errs and does not believe that he has erred ought to find mercy, but whoever knowingly errs is neither true nor good. If the man knows in himself that which he sees and knows in other people, I have a firm belief that he will not fail in the end, though at times he may fail grievously. Who can control himself; it seems to me, rules a very great kingdom”. Ibidem, p. 64.

⁵⁰ “If the first of January comes on a Sunday, the winter will be warm, and the spring will be damp, and the summer and autumn will be windy. There will be an abundance of sheep, and honey, and little wine, and few beans. Many young people will die, and there will be many thefts, and any news will be of princes or of kings. If the first of January comes on Monday, the winter will be ordinary, and the spring and summer will be temperate, and there will be a great flood, and great illness, and there will be little honey and wine and grains, and there will be great cold and ice and there will be a great mortality from iron, and many people will die of sore throats”. Ibidem, p. 148. Observa-se que as previsões se estendem para cada dia da semana em que o Ano Novo começaria.

Há pequenos tratados acerca da eficácia de algumas plantas medicinais. Veja-se, por exemplo, a utilidade do Alecrim:

[...] ferva a folha do alecrim em um bom vinho branco não adulterado, e lave sua face nisso, isso deixará sua face branca e bonita, e o cabelo ficará bonito. [...] pegue a flor do alecrim e faça um pó dele e prenda no seu braço, e resolverá rápido. [...] pegue a flor do alecrim, faça uma pasta e umedeça um pano verde, e escove seus dentes, e matará lombrigas, e o protegerá de todos os males.⁵¹

E de animais cnidários como o coral vermelho:

Saiba que o coral vermelho tem estas virtudes: todo aquele que carregar a metade consigo e colocar a outra metade em cima da casa, ou da torre, ou do campanário, ou no mastro do navio, onde o coral estiver, estará pelo poder de Deus, conforme diz o *Livro das Propriedades*, protegido de relâmpagos, tufão e de infortúnios, de afundamento de navios. Saiba também que o coral vermelho é bom contra perda de sangue, e contra epilepsia, e contra demônios, e contra aparições, e ajuda muito o homem a acelerar consideravelmente os negócios.⁵²

O manual se encerra com alguns preceitos bíblicos que incluem os Dez Mandamentos⁵³ e Ave Maria,⁵⁴ o que revela aspectos da religiosidade dos mercadores. Conforme observamos, muitos dos aprendizes ao ofício iniciavam a sua alfabetização em escolas pertencentes à Igreja e tinham, na maioria das vezes, religiosos como seus primeiros mestres. A religião era um dos preceitos fundamentais a ser respeitado pelos mercadores. Não sem razão, Francesco Balducci Pegolotti inicia seu manual com os dizeres: *Em nome do Senhor, Amem*.⁵⁵

Diferentemente do *Zibaldone da Canal*, cujo caráter pedagógico apontamos acima, o *La pratica della Mercatura* configura-se essencialmente como um manual “técnico” de prática mercantil cuja finalidade era a de servir de guia de consulta para mercadores experimentados no mundo dos negócios. Não iremos reproduzir aqui as infindáveis informações de cunho eminentemente monetários, como as equivalências das moedas florentinas com as dos diversos reinos com os quais a Companhia dos Bardi negociava; as tarifas aduaneiras e impostos locais, bem como

⁵¹ *Ibidem*, p. 149.

⁵² *Ibidem*, p. 145.

⁵³ *Ibidem*, p. 147.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 170.

⁵⁵ *In Nomine Domini, Ammen*. PEGOLOTTI, Francesco B. **La pratica...** Op. Cit., p. 3.

os pesos, as medidas, os preços de compra e venda das mercadorias, além da riquíssima descrição dos mais diversos produtos negociados. Esses dados compreendem a quase totalidade do conteúdo do manual. Serviriam a um estudo de História Econômica, de Economia Monetária ou Financeira, que fogem ao objetivo desta discussão.

Não obstante, o aspecto técnico e prático do manual de Francesco Balducci Pegolotti, algumas passagens revelam a preocupação com o comportamento do mercador, suas atitudes na condução dos negócios e perante a Igreja, preceitos que aparecem no manual veneziano *Zibaldone da Canal*.

Para o florentino, um verdadeiro comerciante é aquele que demonstra ser honesto e zeloso na profissão; deve respeitar a Igreja e dar a Deus o que lhe é de direito; ter juízo e comedimento para não errar; evitar os jogos de azar; ser discreto e esperto para não ser enganado.⁵⁶ Precisa conhecer muito bem a mercadoria que deseja comprar e vender para não incorrer em engano.⁵⁷ Algumas advertências são frutos da grande experiência adquirida por Pegolotti ao longo de suas viagens de negócios, como a que aconselha os mercadores que pretendessem ir à Cathay (China), que adotassem o uso da barba.⁵⁸

Considerações finais

Reiteramos que os manuais de mercadores pertencem a um gênero literário que se tornou conhecido no Ocidente a partir de fins do século XIII, devido à difusão do comércio e o estabelecimento de rotas ligando os mercados da Europa aos do Oriente e Ásia. Seus autores foram mercadores ou representantes comerciais vinculados, em sua maioria, às grandes companhias de comércio,

⁵⁶ “Quello che dee avere in sè il vero e diritto mercatante: Dirittura sempre usando gli conviene/Lunga provedenza gli sta bene/E ciò che promete non venga marcante/E sai se può di bela e onesta contenenza/Secondo che mestieri o ragione intenda./E scarso comperare e largo venda/Fuori di rampogna con bela raccoglienza/La chiesa usare e per Dio donare/Cresce in pregio, e vendere a uno motto./usura e giuoco diz zara vietare/E torre via al tutto/Scrivere bene la ragione e non errare./Amen”. Ibidem, p. 20.

⁵⁷ “Comoscere le mercantantie: È di nicistade a mercatante sapere conosceri le mercantantie che comperano e vendono acciò che non ne possano ricevere inganno”. Ibidem, p. 360.

⁵⁸ “Cose bisognevoli a mercanti che vogliono fare il sopradetto viaggio del Gattaio: Primeramente conviene che si lasci crescere la barba grande e non si rada”. Ibidem, p. 21.

sobretudo as das repúblicas italianas de Veneza, Florença, Gênova e Pisa, que controlavam a quase totalidade das rotas de comércio.

Ainda que pertençam a um gênero literário comum, o estudo dos manuais de mercadores revela que existem diferenciações que podem definir a “tipologia” de um determinado manual. Apresentamos um resgate acerca dos manuais de mercadores produzidos na Baixa Idade Média, ainda que constatamos a existência de pelo menos três manuais anteriores ao século XIV: um manual árabe do século XI, um chinês do século XII, e um terceiro elaborado em Pisa por volta de 1278.

Dos manuais produzidos a partir do século XIV, selecionamos dois para efetuarmos uma análise comparativa: o *Zibaldone da Canal* e o *La Pratica della Mercatura*. O primeiro, de autor anônimo, elaborado entre 1311 e 1331, o segundo compilado pelo mercador florentino Francesco Balducci Pegolotti, em 1340.

O *Zibaldone da Canal* se enquadra a um tipo de manual utilizado na preparação de jovens aprendizes ao ofício de mercador. Muitos desses jovens obtinham uma formação especial nas chamadas Escolas de Ábaco, voltadas para o ensino da matemática e iniciam-se na “arte da mercancia” em tais escolas, ou fora delas, quando já tinham finalizado o curso, instruindo-se em manuais como esse. Seu conteúdo apresenta, além de exercícios matemáticos, preceitos religiosos e morais, informações históricas, geográficas, literárias científicas, importantes a quem se destina a exercer o ofício de mercador.

O *La Pratica della Mercatura* apresenta um caráter mais técnico, seu conteúdo reúne informações necessárias àqueles que já estavam no exercício da profissão. Este manual, considerado o mais completo dentre os manuais de mercadores da Idade Média, constitui-se um compêndio de informações acerca dos produtos comercializados nos mercados mais distantes, das moedas em circulação e suas equivalências, das taxas e impostos praticados, das rotas de comércio, além de fornecer conselhos úteis aos mercadores e viajantes. Seu autor, Francesco Balducci Pegolotti, era funcionário da Companhia Bardi, de Florença, uma das maiores empresas comerciais da Idade Média. Grande parte dos dados reunidos em seu manual é resultado de suas anotações, enquanto representava a companhia nas mais importantes praças de comércio no Ocidente e no Oriente.

Referências bibliográficas

- BORLANDI, Antonia. **Il manuale di mercatura di Saminiato de Ricci**. Genova: Università di Genova, 1963.
- CAUNEDO DEL POTRO, Betsabé. La formación y educación del mercader. In: IGLESIA DUARTE, José I. (coord.). **El comercio en la Edad Media**. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2006. p. 417-454.
- CHIARINI, Giorgio di Lorenzo. **El libro di mercatantie et usanze de' paesi**. Torino: S. Lattes & C. Editori, 1936.
- CIANO, Cesare. **La pratica di mercatura datiniana: seculo XIV**. Milano: Biblioteca della Rivista Economia e Storia, 1964.
- COTRUGLI, Benedetto. **Il libro dell'arte di mercatura**. Venezia: Arsenale Editrice, 1990.
- __. **Traité de la merchandise et du parfait marchand**. Saint-Denis: Editions de la Gestion, 2008.
- DINI, Bruno. (ed.). **Una pratica di mercatura in formazione: 1394 - 1395**. Firenze: Felice Le Monnier, 1980.
- DINI, Bruno. La vita e l'attività professionale di Ambrogio Di Messer Lorenzo De'Rocchi. In: __. (ed.). **Una pratica di mercatura in formazione (1394 - 1395)**. Firenze: Felice Le Monnier, 1980. p. 5-34.
- DOTSON, John E. The world of the Zibaldone da Canal. In: __. (ed.). **Merchant culture in the fourteenth century Venice: the Zibaldone da Canal**. New York: Medieval & Renaissance Text & Studies, 1994. p. 1-27.
- __. (ed.). **Merchant culture in the fourteenth century Venice: the Zibaldone da Canal**. New York: Medieval & Renaissance Text & Studies, 1994.
- EVANS, Allan. Introduction. In: __. (ed.). **La pratica della mercatura**. Massachusetts: The Medieval Academy of America, 1936. p. IX-L.
- FOURQUIN, Guy. **História económica do ocidente medieval**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval: séculos XII-XIV**. Campinas: Editora da Unicamp; Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- GUAL CAMARENA, Miguel. (ed.). **El primer manual hispánico de mercadería**. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1981.
- __. Introducción. In: __. (ed.). **El primer manual hispánico de mercadería**. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1981. p. 1-49.
- HEERS, Jacques. **Marco Polo**. Barcelona: Ediciones Folio, 2004.
- HIRT, Friedrich; ROCKHILL, William W. (ed.). **Chau Ju-Kua: his work on the chinese and arab trade in the twelfth and thirteenth centuries, entitled *Chu-fan-Chi***. San Peterburg. Printing Office the Imperial Academy of Sciences, 1911. Disponível em

<<https://ia600300.us.archive.org/30/items/chaujukuahiswork00chao/chaujukuahiswork00chao.pdf>>. Acesso: 06/06/2014.

HODGETT, Gerald A. **Historia social y económica de la Europa medieval**. Madrid: Alianza, 1986.

HUNT Edwin S. **The medieval super-companies: a study of Peruzzi Company of Florence**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HUNT, Edwin S; MURRAY, James M. **Uma história do comércio na Europa medieval**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

LARNER, John. **Marco Polo y el descubrimiento del mundo**. Barcelona: Paidós, 2001.

LE GOFF, Jacques. **La Edad Media y el dinero: ensayo de antropología histórica**. Madrid: Akal, 2012.

LOPEZ, Robert. S. Un text inédit: le plus ancien manuel italien de technique commerciale. **Revue Historique**. Paris, v. 243, n. 1, p. 67-76, 1970.

___ . **A revolução comercial da Idade Média: 950-1350**. Lisboa: Presença, 1980.

LOPEZ, Robert S; RAYMOND, Irving W. **Medieval trade in the Mediterranean world**. New York: W. W. Northon & Company, 1955.

ORIGO, Iris. **The merchant of Prato: Francesco Di Marco Datini**. London: Jonathan Cape, 1957.

PEGOLOTTI, Francesco. B. **La pratica della mercatura**. New York: The Medieval Academy of America, 1936.

PHILLIPS, Jonathan P. **The crusades: 1095 – 1204**. London: Routledge, 2014.

PIRENNE, Henri. L'instruction des marchand au Moyen Âge. **Annales d'Histoire Économique et Sociales**. Paris, t. 1, p. 13-28, 1929. Disponível em <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_0003-441x_1929_num_1_1_1033>. Acesso: 22/01/2013.

___ . **História econômica e social da Idade Média**. 6.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

RILEY-SMITH, Jonathan. **The Oxford history of crusades**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

___ . **Qué fueron las cruzadas?** Barcelona: Acontilado, 2012.

ROOVER, Raymond A. de. The commercial revolution of the 13th century. **Bulletin of the business historical society**, n. 16, p. 34-39, 1942.

SAPORI, Armando. **La crisi dele compagnie mercantilli dei Bardi e dei Peruzzi**. Firenze: L. S. Olschki, 1926.

SAYOUS, André E. Un manuel arabe du parfait commerçant (XIe siècle environ). **Annales d'Histoire Économique et Sociale**, n.12, p. 577-580, 1931.

SPUFFORD, Peter. **Money and its use in medieval Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

STUSSI, Alfredo. (ed.). **Zibaldone da Canal**: manoscritto mercantile del sec. XIV. Venezia: Il Comitato Editore, 1967.

__. Note introduttive. *In*: __. (ed.) **Zibaldone da Canal**: manoscritto mercantile del sec. XIV. Venezia: Il Comitato Editore, 1967. p. IX-XLIII.

THE ZIBALDONE da Canal. *In*: DOTSON, John E. (ed.). **Merchant culture in the fourteenth century Venice**: the Zibaldone da Canal. New York: Medieval & Renaissance Text & Studies, 1994.

TYERMAN, Christopher. **Las guerras de Dios**: una nueva historia de las cruzadas. Barcelona: Crítica, 2007.

WOOD, Frances. **Marco Polo foi à China?** Rio de Janeiro: Record, 1997.